

dorfeuzine

número cinco

Fevereiro 2006

d'Orfeu 11º Ano
culturalidade obrigatória

www.dorfeu.com



Editorial

Desde o último feuZine passaram quase três anos. O veículo de difusão por excelência da d'Orfeu - no papel - viveu este tempo à sombra da lapiseira e é bom saber que, mesmo arrancado a ferros, o número cinco do feuZine já cá canta. E representa, no novo formato e mesma rebeldia, a retoma de um mensageiro de bolso essencial para quem vive, de perto ou de longe, o pequeno mundo d'Orfeu.

A comunicação d'Orfeu sempre viveu de contributos voluntários, muitas vezes em desespero de causa (eu que sou músico, à minha conta risquei dezenas de cartazes da rica galeria gráfica da associação). Esta valência ganhou há pouquinhos meses o esperado alento e incremento de eficácia com a integração de uma responsável de comunicação que, não primeiro mérito, tratou já de ressuscitar o feuZine. Obrigado, Léa! Este punhado de páginas, como publicação alternativa que é, ocupa-se sobretudo do lançamento de temas, por um lado, e das crónicas e testemunhos, por outro. Entra nos bastidores para dar a conhecer com que massa se faz o pão cultural. Melhor dito, o feuZine ocupa-se do antes e do depois da cultura. As notícias, essas, ficam de se ler nos jornais.

Luis Fernandes coordenação d'Orfeu

Já está... Já passámos mais um ano... Cheio de sons, de emoções, de inquietudes, de desafios... Estamos prontos para começar 2006, o décimo primeiro ano da associação, que possivelmente vai ser igual aos outros ao nível das preocupações. Tentar dar mais respostas, encontrar disponibilidade para os Aguedenses. Por isso começamos desde já com esta nova edição do feuZine. Uma pequena revista de cultura das Artes e de informações da nossa programação cultural.

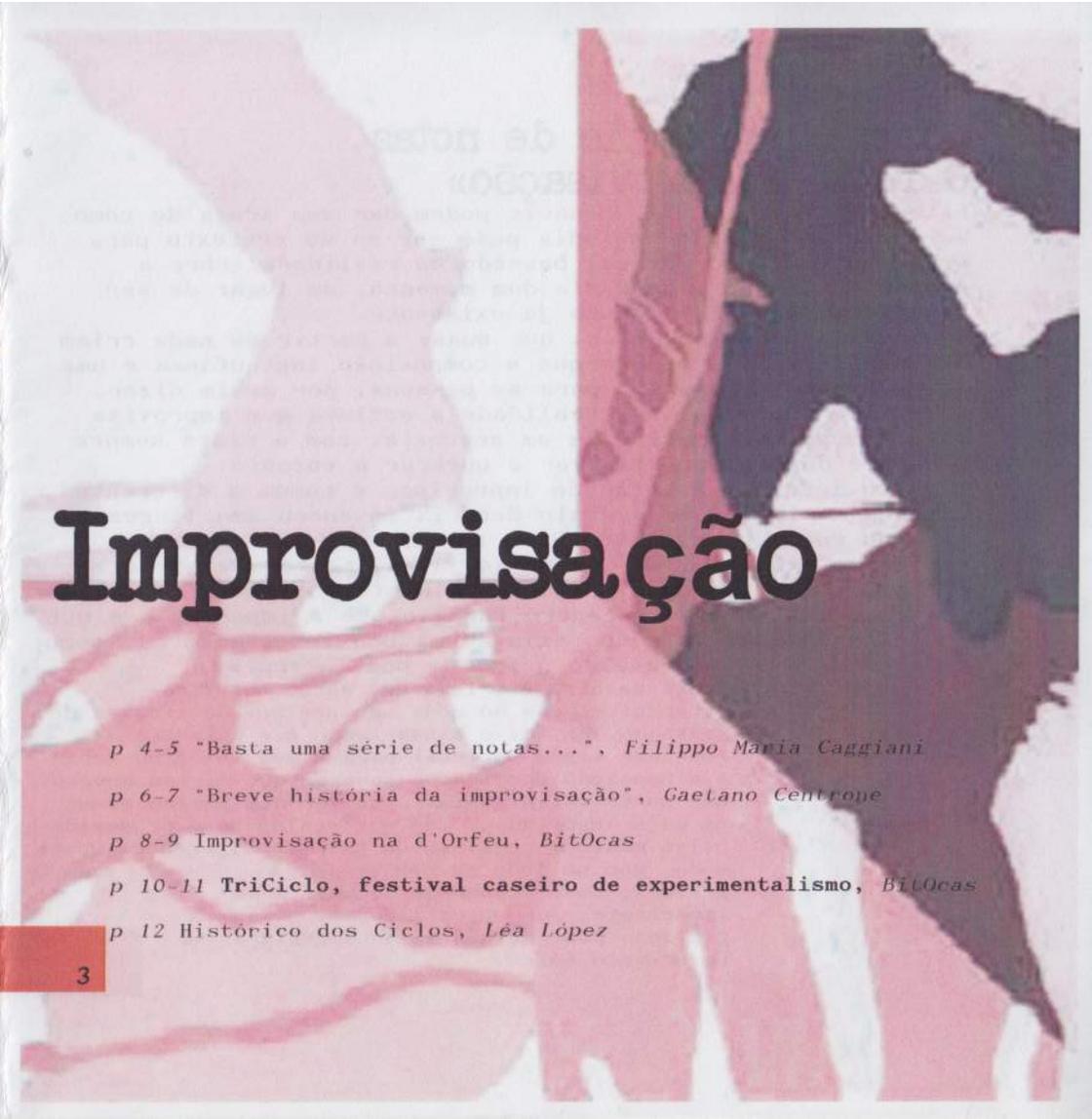
A não perder: no domingo 29 de Janeiro, o seminário d'Orfeu: um mês de Fevereiro cheio de experimentalismo com o triCiclo; e no sábado 8 de Abril, o espectáculo "Dez Anos Não é Nada!", com um cenário repleto de criações da casa concebidas ao longo do tempo. Desde já desejamos um bom proveito a todos e muitas felicidades para este ano!

Léa Iópez comunicação d'Orfeu - lea@dorfeu.com

Sumário

- p 3-12 Improvisação
- p 13-22 Artes e Educação
- p 23-31 Crónicas e outras tónicas...
- capa Agenda d'Orfeu

PS. Agradeço todos os jornalistas voluntários e à internet pois não tive oportunidade de fotografar o Jimi Hendrix e o John Coltrane...



Improvisação

p 4-5 "Basta uma série de notas...", *Filippo Maria Caggiani*

p 6-7 "Breve história da improvisação", *Gaetano Centrope*

p 8-9 Improvisação na d'Orfeu, *BitOcas*

p 10-11 **TriCiclo**, festival caseiro de experimentalismo, *BitOcas*

p 12 Histórico dos Ciclos, *Léa López*

«Basta uma série de notas O resto é improvisação»

Estas palavras de **Jimi Hendrix** podem dar uma ideia de como às vezes uma simples melodia pode ser só um pretexto para criar um discurso musical baseado na realidade sobre a espontaneidade e a fantasia dum momento, em lugar de ser baseado no material sonoro já existente.

Observando certos músicos, que quase a partir do nada criam música, levando a pensar que a composição instantânea é uma coisa bastante natural, para as pessoas, por assim dizer, para isso "dotadas". Na realidade o artista que improvisa está sempre na condição de um acrobata, com o risco sempre presente de se desequilibrar e quebrar o encanto.

O risco inerente à acção de improvisar é comum a diferentes géneros musicais. Se o génio Hendrix inventou uma linguagem nova no rock, e se também Bach e Mozart faziam algumas variações extemporâneas em temas já existentes, é ao jazz que a prática da improvisação geralmente está associada. Num conjunto musical deste género, aquilo que é importante é que entre os membros do grupo exista uma boa interacção ou, como é uso dizer-se na gíria do jazz, um bom interplay.

Desta maneira é criada uma acção estética irrepetível que só pode ser preservada através de gravação. Então, o historiador que quisesse recolher algum material para o seu trabalho teria à disposição documentos sonoros que seriam apenas uma parte infinitesimal, talvez nem fossem mesmo os mais importantes, do que realmente é produzido pelos músicos cada vez de um modo diferente. Deste modo, por um lado se não se faz a gravação pode perder-se documentação importante, por outro lado, se se faz a gravação pode acidentalmente registar-se um momento único.





Um exemplo disto é a gravação do solo de Charlie Parker em "Lover Man", em 29 Julho de 1946. Naquele período o grande saxofonista estava completamente sob a dependência de droga e álcool e as suas condições de saúde eram na realidade muito ruins.

No estúdio de gravação os músicos imediatamente se aperceberam que Bird não podia tocar de modo aceitável.

Na gravação de "Lover Man" sente-se Parker a entrar com alguns compassos de atraso, executando apesar disto um dos mais intensos solos da história do jazz.

O historiador e jornalista Ross Russell que também foi o fundador da marca Dial na qual Parker se registou, escreveu a propósito: «O timbre de Charlie era mais consistente. Era porém estridente e angustiante. O seu fraseado revelou a amargura e as frustrações de todos aqueles meses na Califórnia. As notas tinham uma solenidade triste. Eram notas que vinham de um pesadelo. Houve uma última frase quase partida, suspensa, incompleta, e então o silêncio. Na regie nós estávamos envergonhados, transtornados, mas também profundamente envolvidos. Nós não desperdiçamos tempo a ouvir o take».

Uma história como esta ilustra bem alguns dos aspectos que a improvisação traz consigo mesma. O funambolismo do músico confronta-se com um tema musical que tem uma importância fictícia na realidade, ao invés disso o que realmente conta é a interpretação feita. Sempre com a esperança que, se a execução for memorável, haja algum meio de gravação que a registre.



Breve história da improvisação

«A improvisação é o resultado de um estímulo directo que provém da natureza» disse o célebre *Vasily*

Kandinsky, pintor, intelectual e autor de muitas improvisações. Nem sempre a improvisação encontrou as portas abertas nas diferentes artes da cultura ocidental, e como um subtil fio encarnado atravessou indiferentemente a música, o teatro, a pintura, entrando em colisão em última instância com a literatura.

Na Idade Média foi relevante o caso do canto improvisado a quatro vozes, sobretudo em inglês, no qual os quatro cantores executavam uma melodia gregoriana a partir da mesma nota, criando improvisações sobre intervalos pré-estabelecidos.

Já a partir do século XVI, a música clássica conhece este tipo de abordagem, para composições como preludi, toccate, fantasie, onde ilustres músicos como *Domenico Scarlatti*, *Georg Friedrich Haendel*, *Wolfgang Amadeus Mozart* se confrontavam com verdadeiros desafios. Até mesmo alguns movimentos da Oferta musical BWV 1079 de *Johann Sebastian Bach* são improvisações escritas num segundo momento.

Numa outra cultura podemos ainda encontrar um exemplo extremo de improvisação: na música indiana, desde sempre o músico esteve mais ligado a normas estético-religiosas que a normas de composição. Quem aprende a tocar o sitar, depois de um mínimo de preparação teórica, é convidado a aprender pelo método tentativa/erro, na tentativa de reconstruir um universo musical e espiritual sobre as pegadas do maestro. Na história do teatro moderno, a prática da improvisação remonta ao século XV com a *commedia dell'arte*, e prossegue até ao século XVIII com a comédia do *Carlo Goldoni*.

Actualmente, são muito difundidos os "match" (jogos) de improvisação teatral em França e em Itália. Neste jogo, duas equipas com um árbitro, enfrentam-se alternadamente sobre temas e modalidades diferentes, que nem sempre se baseiam no cómico.

É necessário fazer-se um discurso particular sobre a pintura, porque se é verdade que Kandinsky falou de improvisação, foi sobretudo por distingui-la da composição, e de qualquer modo ligada a um esquema de interpretação. Uma intervenção mais radical foi iniciada através da fúria iconoclasta da "action painting" e do maior representante **Jackson Pollock**, que enterrou com baldes de tinta, séculos de tradição figurativa.



Com a beat generation e os reading poetry, a improvisação entrou também na literatura. É através de Allen Ginsberg e **Jack Kerouac** que, empenhados na leitura e na improvisação performativa de textos sobre um tapete sonoro jazzado, permitiram que este se tornasse um clássico.



Por outro lado, o jazz, sempre fez uso da improvisação. A origem foi o bebop de Charlie Parker e Dizzie Gillespie, que poucos anos depois se tornou hardbop com **John Coltrane**, dando início aos primeiros rastos de free jazz.



Nos anos setenta o free jazz explodiu, com grupos como o Art Ensemble of Chicago, em que todos os instrumentos chafurdavam na liberdade mais absoluta. A esta prática improvisatória ficou ligado indissolavelmente uma mensagem de revindicação social e política, um dos muitos fermentos duma estação rica e irrepetível.

Improvisação na d'Orfeu

Na d'Orfeu a improvisação tem tido sempre um papel, ora equilibrador, ora provocativo, ora de aprendizagem, ora pedagógico, através de actividades, grupos e criativos, principalmente nas artes performativas. A improvisação também pode ser chamada de composição instantanea ou composição em tempo real.

A **Jam d'Ovo** foi criada nas tardes de sábado no Johnny 101 e, umas vezes com mais regularidade do que outras, tem acontecido no Espaço d'Orfeu, principalmente no bard'O e no fim de muitos concertos organizados pela d'Orfeu.

A **Sala Aberta** com a sua própria história surgiu como uma grande instalação instrumental. Construída a partir de tudo quanto não tinha utilidade, para que, se pudesse improvisar, tanto a construir como a tocar, a maior parte das vezes em número largo de participantes.

O **Cardume (em 1998)** como laboratório de experimentação teatral, reuniu e praticou jogos de simulação social e de psicodrama, que assentavam em práticas de improvisação.

A **InterFesta da Confusão (em 2000)** foi um espectáculo de interacção entre vários agrupamentos de Ílhavo (teatro, música, dança entre outras) utilizando o jogo e a improvisação para a construção do mesmo.



Fotografia de Iva Lopez

O **põePlay (desde 2002)**, além de outros recursos musicais, explora um género de improvisação especial, que consiste em improvisar com músicos surdos, ou seja, com os músicos que vêm enlatados nos Cds. Caso para dizer: "surdos que nem um CD".

Depois do projecto **Os CantAutores** (2001-2003), mais formal, Luis Fernandes desenvolve os arranjos musicais dos **Toques do Caramulo** e dá-lhe soltura improvisativa. Também na sequência dos CantAutores surge, com alguns dos seus músicos, **Emboscadas** (2004) e a música de intervenção em linguagem jazzística.



O **PovoArti**, em 2005, projecto ligado à criatividade e imaginação, explorou o jogo como provocador lúdico-performativo de interacções espontâneas. Evolução natural dos conceitos desenvolvidos em laboratório criativo pelo **Mistério das Vozes Vulgares**.



Em 2005 surgem também os **Concertos Jam** com o objectivo de promover jams com estilos musicais induzidos pelo grupo que a inicia. E também nasceram criações para as Animações de Natal, improvisações teatrais com **Malaquias e Malaquecos** de Paulo Brites e Luis Silva.

E de muito mais se poderia falar mas que agora não posso contar porque já não tenho espaço! De momentos no **bard'O**, de ovnis caseiros, de criações efémeras... que ajudaram todos nós a crescer e avançar nos nossos caminhos artisticos.

Festival caseiro de experimentalismo

trICICLO

3ª Edição do Ciclo
filho do BiCiclo (2005) e
neto do Ciclo da Voz (2004)

O modelo de participação deste ano pretende promover uma maior convergência de linguagens, através do cruzamento artístico/criativo entre os vários participantes. Para o primeiro fim-de-semana preparamos individualmente, com o apoio do d'Artec, curtas peças/instalações que representam uma síntese das múltiplas linguagens artísticas de cada participante. Para o 2º fim de semana os participantes agrupam-se em pares para fundir as peças apresentadas no 1º fim de semana. Para o 3º fim de semana acontece o mesmo mas em trios. E para o 4º, já aquecidos da fusão preparamos uma só peça com todos. Se imaginamos a peça final como "a criação", todas as criações durante o triCiclo funcionam como preparações sustentadas.

Sex 03 Fev e Sáb 04 Fev Solos

Sex 10 Fev e Sáb 11 Fev Duos

Sex 17 Fev e Sáb 18 Fev Trios

Sex 24 Fev e Sáb 25 Fev Tutti
quanti

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "lata"
Podes estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Podes estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

Gilberto Gil, "Metáfora" 1982

Fevereiro 06

Sextas e Sábados

21h45

Meia-Tenda

Espaço d'Orfeu



Histórico dos ciclos



A iniciativa de um festival de experimentação começou em 2004, com o **Ciclo da Voz**, pela vontade de Nuno Candeias e BitOcas de promover novos encontros artísticos.

O Ciclo da voz foi um evento que deu lugar às mais variadas formas artísticas de trabalhar o principal instrumento do ser humano: a Voz!



Em Janeiro 2005, na sequência dos momentos de experimentação que tivemos no Ciclo da Voz, sonharam-se outros voos, refletiu-se, e iniciamos um novo ciclo : o **BiciCiclo**, "A Mudança - largar o velho para fluir o novo" foi a temática desse ano.



Os ciclos são tentativas de novos caminhos, novas ambições para as formas da Arte mais alternativas que são muitas vezes as raízes para criações com formatos mais estáveis.



Do movimento nasce a serenidade e a maturidade. Aqui estamos numa fase de movimentos intensos para pôr fora todo, ver o que fazemos com esta matéria... Pormo-nos nús, metaforicamente...



Léa López *performer no biciCiclo*

Artes & Educação

p 14-15 "E a Arte será Vida e a Vida será Arte", *Oscar Pinto*

p 16-17 "Arte e educação...Para um novo conceito", *Anna Traversa*

p 18-19 "Teatro comunidade" em Torino, *Sabina Galletto*

p 20-21 **Artes & Educação, 10^o Seminário d'Orfeu, Bitócas**

p 22 Um exemplo de Artes e Educação na d'Orfeu: "PovoArti" 2005

"E a Arte será Vida e a Vida será Arte"

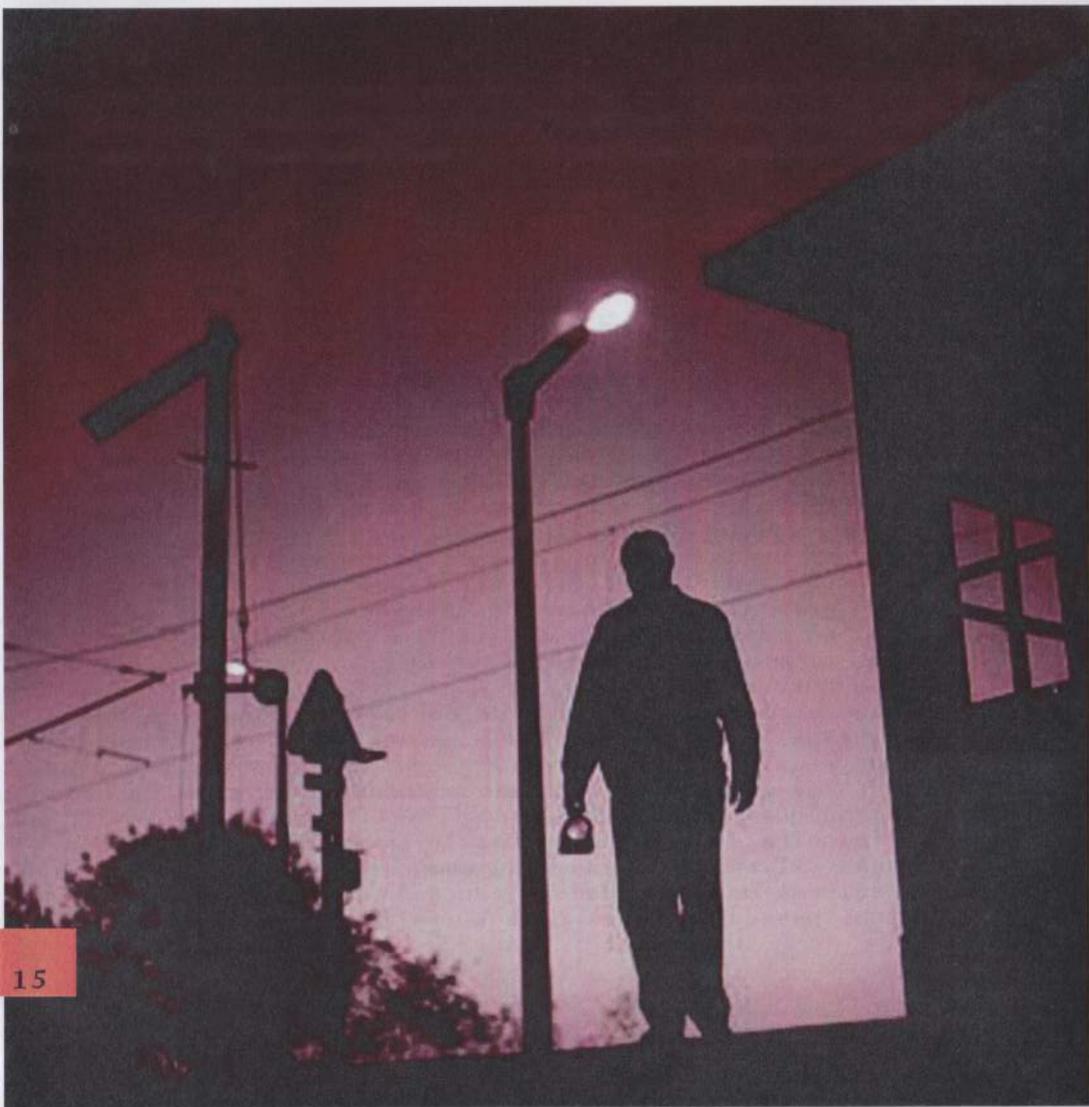
Escrevo do pragmatismo da viagem de automotora: quando o objectivo é produzir um objecto artistico de qualquer natureza, o artista tem como motivação a harmonia. Este conceito é aqui usado no seu sentido mais lato - por exemplo, mesmo que o artista queira representar o caos, essa representação terá que estar em harmonia com a ideia que lhe é subjacente. Em paralelo a este conceito, está o carácter holístico da arte, carácter esse que vai complementar e ser complementado pelo conceito anteriormente apresentado. Tudo é importante para produzir um objecto harmónico. Todos os elementos que integram essa produção são importantes e permitem a harmonia do objecto final, porque também eles são possuidores, à partida, da sua própria existência harmónica.

Agora façamos o exercicio mental de transpôr esta forma de construção para a educação em geral. Não falo de ensinar apenas as ciências artisticas, mas de adaptar os métodos de ensino de qualquer área científica a esta base metodológica. Ter em conta tudo o que constitui o processo de aprendizagem e educação, pôr no mesmo nível a pessoa que aprende. Não ter apenas em conta o que se educa, como quem se senta em cima da mala de viagem quando podia distribuir o seu conteúdo por duas ou três!

Talvez, assim, a educação fosse mais completa.

É provável que seja desse todo que este mundo em constante evolução necessite - de um saber global e harmónico com a individualidade de cada ser contribuinte da construção.

ref. Pedagogia Waldorf por Rudolf Steiner





ARTE E EDUCAÇÃO...

Para um novo conceito

Tentar definir a relação que existe entre a educação e a arte não é coisa muito fácil, também porque não usamos estas palavras no seu verdadeiro sentido.

Se nos perguntarmos o que entendemos por educação será fácil definir esse conceito em todos os seus aspectos? Precitaria, antes de tudo, admitir que ela é sempre relativa e finalizada para a cultura que a produz, por isso ela manifesta dois aspectos contrários porque por um lado ela é mutável em virtude das novas aquisições culturais, o nosso saber muda e com ele o nosso modo de o transmitir. Mas por outro lado a educação representa uma coisa imutável, a demonstração disto é a lentidão com que se operam as mudanças nos nossos sistemas escolares. Isto porque, para mim, na mente das pessoas, a educação remete para algo de estável e imutável. Os homens, de facto, no curso da sua vida, tentam continuamente ter pontos firmes não se resignando ao conhecimento de que a vida é mutável.

Consequentemente o conceito de educação resume-se a reentrar nesse incansável processo humano que tenta dar um fim ao que é infinito, na tentativa de fazer isso, a educação transforma-se numa transmissão simples das normas da comunidade à qual se destina.

Esta maneira de considerar faz levantar uma questão: que relação existe entre educação compreendida como transmissão dos valores da comunidade e educação compreendida como caminho pessoal e livre para a realização de si mesmo?

Esta pergunta é legítima porque a educação é, por um lado expressão da comunidade que a cria, mas por outro lado, ela é sobretudo voltada para o indivíduo compreendido na sua singularidade enquanto teria de fornecer, a este último, os instrumentos para o próprio desenvolvimento.

Consequentemente a pergunta com que nos teríamos de confrontar tem outra resposta: como é possível que um indivíduo possa realizar-se em plena liberdade, se para fazer isso lhe fornecemos um instrumento privado da liberdade, ou antes estático e imutável? Esta é a razão para que o conceito de instrução seja reinventado a fim de adquirir uma dimensão infinita.

A mudança de tal conceito é possível apenas se ligarmos a educação à arte, que por definição representa a criatividade, a fantasia, ou seja, a liberdade. Se reflectirmos sobre os nossos sistemas educativos observaremos que se baseiam simplesmente na exigência das nossas habilidades lógicas, tornando-nos recipientes privados de personalidade e de criatividade.

Por criatividade compreendemos a capacidade de gerar alternativas a fim estimular os processos mentais com a elaboração e a criação de um pensamento crítico, que é a criação de arte e só colocando a arte como chave de leitura da realidade e do nosso relacionamento com o mundo, isso será possível. Portanto o conceito de arte terá de ser libertado das limitações impostas pela sociedade que a puxa para materialização a arte deve salvaguardar a sua dimensão conceptual a fim de superar o finito e poder representar e, ao mesmo tempo, exprimir a nossa mudança.

Por isso nós observamos que também as coisas mais simples podem ser arte exactamente como o jogo, porque com sua criatividade e liberdade permite-nos reinventar os relacionamentos existentes entre o conhecimento já adquirido; a este respeito De Bono disse: "jogando, as ideias apresentam-se por si e elas alimentam outras ideias". Uma educação no sentido artístico, consequentemente será cheia de tensões, aberta à mutação e só então se transforma em instrumento para um desenvolvimento livre da si mesmo.



“TEATRO COMUNIDADE” EM TORINO

Experiência de arte e educação enquanto factor de regeneração urbana numa cidade italiana.

Ao falar de arte e educação a primeira coisa que me vem à cabeça é um projecto chamado “TEATRO COMUNIDADE”, nascido no ano de 2001 em Torino, a minha cidade.

Torino é uma das mais importantes cidades italianas a nível industrial; aqui nasceu no fim do século XIX uma das maiores indústrias italianas: a FIAT. Há muito tempo que Torino é uma cidade multiétnica, cheia de imigração. Desde os anos 40, muitas pessoas emigraram aqui para trabalhar nesta grande fábrica e desta afluência massificada nasceu a maior parte dos bairros da periferia actualmente existentes. A cidade cresceu e com ela também os problemas. Desde sempre estes bairros são os mais pobres da cidade onde reina muita delinquência e a ligação entre instituições é inexistente.

Para mudar esta situação, a Câmara Municipal de Torino em 2001 começou por dotar a cidade com um centro com vista a valorizar os bairros mais pobres. Começaram com o restauro dos bairros, apoiando novas actividades económicas e comerciais e continuaram com uma revitalização social; por isso nasceu “o Teatro-Comunidade”; projecto através do qual se pretende criar um sentido de pertença entre os habitantes do bairro.

O teatro tem uma finalidade estética mas neste caso tem também um importante objectivo social: criar comunidade. O teatro, de facto, permite construir ligação entre as pessoas, por isso mesmo acharam oportuno introduzir oficinas teatrais. As oficinas permitem às pessoas conhecerem-se e conhecer a própria situação, o próprio bairro, a própria história... e em geral permite ao bairro contar a própria realidade ao resto da cidade. Diferentes companhias teatrais torinenses aderiram ao projecto e desde 2001 começaram a trabalhar nos vários bairros. O projecto começou com cinco companhias que trabalhavam em cinco bairros; agora o projecto estendeu-se a toda a cidade e o número das companhias aumentou para dez.

Para mim, a companhia mais significativa, chama-se Chòros e trabalha na zona histórica mais importante de Torino: Mirafiori - centro do desenvolvimento industrial de Torino. Através das oficinas teatrais o bairro começou a reflectir sobre o futuro que está umbilicalmente ligado ao passado. De facto o trabalho começa pelos testemunhos e experiência dos cidadãos, que contam a própria vida e a comparam; desta maneira começam a criar uma comunidade.

O primeiro espectáculo que eles fizeram foi: "Degli operai e di altre tribu" onde falaram da vida no bairro Mirafiori desde os anos '60-'70, quando a cidade se movia pelos ritmos da fábrica (a FIAT). Hoje em dia a fábrica já não é o centro da cidade e o seu centro de ocupação. Agora também falta trabalho por causa da crise da FIAT. O bairro está a mudar, não tem um futuro certo... eles reflectem sobre tudo isso.

Nestes anos o "Teatro Comunidade" teve óptimos resultados devido à grande participação dos cidadãos.

"Teatro Comunidade" modificou a maneira de fazer teatro porque neste projecto o teatro não tem só uma finalidade estética mas participa numa mudança social sem esquecer a importância da experiência. Os espectáculos dos vários bairros são criações dos habitantes; um conceito fundamental do "Teatro Comunidade" é a importância de tornar os habitantes co-autores conceptuais e artisticos dum espectáculo teatral tendo como consequência directa o aumento do espirito de pertença e criando assim experiências artisticas de comunidade.

mais informações

www.comune.torino.it/periferie/iniz_div/teatro_comunita03.htm

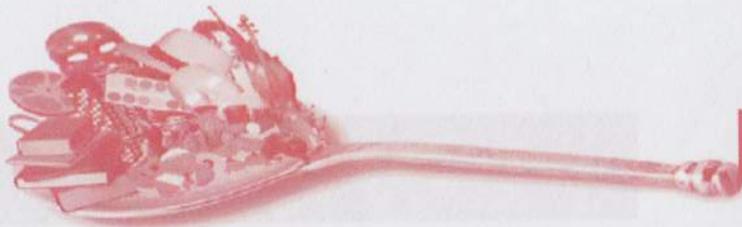
Artes & Educação

IIIº SEMINÁRIO d'ORFEU

Os seminários d'Orfeu sempre foram conversas descontraídas que colocam em debate experiências, visões e novos caminhos possíveis, para consciência e alargamento da temática e iniciativas futuras. Salpicada com pequenos momentos performativos/demonstrativos, ilustrando o que se diz ou abrindo para outros caminhos, muito ao sabor do momento e para que se experimente conversar com todos os sentidos.

Todos os anos escolhemos um tema que nos pareça emergente e juntamos um grupo heterogêneo de pessoas relacionadas com os variadíssimos cantos do tema e, num domingo à tarde, conversamos acabando por fundir o que sabemos com o que não sabíamos, ou seja partilhamos.

Aconteceu o Domingo 29 de Janeiro na Fundação Dionísio Pinheiro e este ano, o tema foi Artes e Educação.



Os "conversistas"

Quem esteve?:

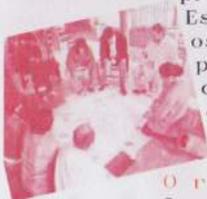
- * **Victor Gama** - músico, construtor e mentor do projecto Pangeia
- * **Maria João Regala** - psicóloga e arteterapeuta
- * **António Tavares** - bailarino e coreógrafo
- * **Ana Borges** - interprete e coreógrafa de dança ligada à Culturgest
- * **Mercedes Prieto** - membro da Pé de Xumbo e monitora de danças tradicionais
- * **Nuno Ferreira** - coordenador do departamento Lúdico-Terapêutico do Espaço T
- * **Cláudia Oliveira** - coordenadora do departamento de Comunicação e Imagem do Espaço T
- * **Isabel Guerligni** - professora de animação sócio-cultural
- * **Zé Tovar** - médica, a arte e o artesanato como meio de sensibilizar para a saúde
- * **João Ricardo** - o Lixo Luxo. Músico Escultor Sonoro criador de esculturas sonoras a partir do Lixo
- * **Teresa Fernandes e Benilde Oliveira**
Educadoras na Bela Vista e mentoras de um projecto musical para crianças e respectivos pais
- * **Rita Anjos** - Ligada a vários grupos jovens que descobrem identidades através das artes
- * **Helena Rodrigues** - Da Companhia de Música Teatral, música para bebés

e mais...

Da d'Orfeu

Coordenação - BitOcas
com toda a equipa d'Orfeu





PovoArti

Um exemplo de artes e educação na d'Orfeu

Projecto-officina de criação e experimentação através da "evenção" de um povo imaginário, seu habitat, costumes e pensamentos. Com artistas, professores e crianças do 1º Ciclo do Concelho de Agueda entre Fevereiro e Junho 2005.

PovoArti é lendário e sempre existiu, perdido achado para os lados do imaginário. Isolados do resto do mundo, eram na realidade vários povos e cercavam um lugar mágico que os unia.

No solstício de verão, encontravam-se, trocavam-se entre si, entregando-se a jogos e experiências, que criavam e recriavam como pedaços de realidade em contante metamorfose.

E assim, o seu semi-isolamento tanto lhes permitia a agitação pelas vontades do encontro como a calma pela alegria da troca.

A história da estória

Experimentámos ferramentas que nos ajudam a compreender o imaginário e a restituir-lhe, na nossa mente, o lugar que ele nunca perdeu realmente. E dar à luz do dia um ser comunitário que procurou ser sempre novo, o PovoArti.

Este projecto surgiu para facilitar a colaboração mútua entre os profissionais do ensino e interessados na resolução de problemas comuns. Facilitar a partilha e resolução de questões relacionadas com as crianças, o ensino da criatividade e a positiva utilização da imaginação, através de um renovado olhar sobre a sua prática e experimentação.

O resultado

O museu do PovoArti na Fundação Dionísio Pinheiro - Junho 2005 - abriu as portas (uma semana para visitas das escolas e só um dia para o público), como museu de antropologia deste povo ritmado de performances realizadas pelas professoras participantes, os monitores e os visitantes.

O PovoArti foi uma iniciativa da Câmara Municipal de Agueda, da d'Orfeu - Associação Cultural e do agrupamento das escolas do concelho de Agueda.

Crónicas e outras Tónicas

p 24 "Um olhar... 4º Festival O Gesto Orelhudo", *Joana Fonseca*

p 25 "Crónicas do OuTonalidades'05", *Rosa Cardoso*

p 26-27 "Crónica animada", *Paulo Brites*

p 28-29 "O papel das associações... ", *Rosa Cardoso*

p 30-31 "Um CD da Teca", *Paulo Brites*



Um olhar... Festival O Gesto Orelhudo

Inesquecível!

É a primeira palavra que me ocorre para definir aquela que foi a 4ª edição do Festival O Gesto Orelhudo. Espero que para as pessoas que por lá passaram também o tenha sido. Valeu bem a pena largar o sofá naquelas noites e soltar umas boas gargalhadas.

Fico a pensar o que terei perdido nas edições anteriores, que não acompanhei tão atentamente. Sei pelo menos o que ganhei indo ao Gesto Orelhudo de 2005... Ganhei pelo ritmo circense com The Chipolatas, ganhei a magia do teatro dos pés de Laura Kibel, ganhei com a multiculturalidade artística de todos aqueles que foram aquecendo aquelas noites frias, Ruso Negro, Mamã Lusitânia, The Von Trolley Quartet, entre tantos outros. Ganhei novos olhos, novas orelhas, novos gestos, afinei os sentidos!

Para os que se possam estar a perguntar, o Festival O Gesto Orelhudo é uma iniciativa da d'Orfeu - Associação Cultural, onde música e teatro contracenam no universo da comédia. Aconteceu em Águeda, tão perto de nós!

Com o fim do Outono e o princípio do Inverno assiste-se ao desfecho do evento cultural

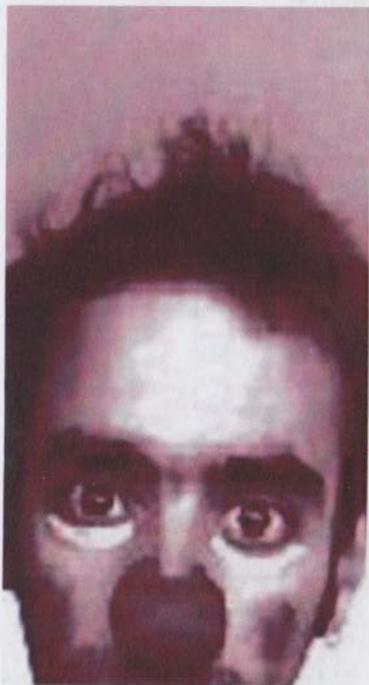
OuTonalidades, que tem vindo a crescer ao longo destes nove anos e a assumir um papel fundamental relativamente à promoção da cultura como factor de desenvolvimento económico e social, através da sua descentralização, ao nível dos distritos circundantes (Porto e Viseu). Sendo a música considerada a arte mais antiga e a mais primitiva de todas, tendo origem nos principais ritmos e vibrações do mundo, este evento presenteou-nos com um vasto leque de espectáculos, num total de 27, que através dos seus poderes criadores / libertadores / identificadores reportaram-nos para ambientes de festa e muita animação. Ao longo de 3 meses, o OuTonalidades 2005 fomentou as produções e criações artísticas nas mais variadas artes, desde a música tradicional aos covers, não esquecendo as histórias, as percussões, entre outros projectos inovadores, incentivando a participação activa de todos os cidadãos e cativando novos públicos culturais.



Crónica do OuTonalidades 2005

Crónica Animada

Na origem da palavra Palhaço encontra-se aquele que está vestido de palha ou é feito de palha. Remete-nos naturalmente para quintas atacadas por pássaros em que era necessário encontrar alguém que não se importasse de lá ficar dia e noite; então enchiam-se roupas e fazia-se uma cabeça normalmente com um chapéu.



"Nos nossos dias o palhaço é um actor ou comediante cuja intenção é divertir o público através de comportamentos e maneirismos ridículos. Embora nem todos os palhaços possam ser só identificáveis através da aparência, os palhaços aparecem frequentemente bastante maquiados e fantasiados.

Tipicamente, usam sapatos grandes, roupas largas ou em tons berrantes, com cores brilhantes e em padrões não usuais, ou cheias de remendos. Também costumam usar chapéus alegóricos, perucas ou penteados com estilos ou cores incomuns, além de um falso nariz redondo, geralmente de cor vermelha, esta última sendo uma característica intimamente associada ao conceito."

(adaptação Wikipédia.org)

Malaquias (Luis Silva) e **Malacueco** (Paulo Brites) não são palhaços convencionais, não usam roupas tradicionais, não têm pinturas excepcionais nem tocam músicas normais! Malaquias e Malacueco são dois primos do Pai Natal e foram convidados a aparecer em algumas festas no Natal passado para anunciar a sua chegada e a tão esperada entrega de prendas. **A sua prima italiana Corgette** (Sabina Galletto), responsável pelas renas e perita em balões mágicos, acompanhou-os em algumas aparições.



Malabarismos dançantes, estórias, esculturas, em balões, cambalhotas aos empurrões... com um toque muito particular de magia e muito apelo à criatividade, transmitem a ideia de que a imaginação nos deve acompanhar vida fora e é sempre o mais importante. Com mais uns truques de ilusionismo... desapareciam dando lugar ao esperado senhor de vermelho e barbas brancas. Recheadas de boas experiências, desafios pessoais e muita aprendizagem, estas animações permitiram a estes Palhaços perceber melhor as crianças e partilhar as suas gargalhadas e os seus sorrisos. É esse o seu objectivo. Entrar no mundo dos pequenos e com eles explorar a criatividade do palhaço que há em nós. Recomenda-se!



O papel das associações no desenvolvimento local enquanto promotoras da gestão cultural

Actualmente, a cultura é um factor de desenvolvimento humano fundamental, numa sociedade verdadeiramente democrática e moderna e, conseqüentemente, um factor de desenvolvimento económico, promotor de iniciativas mobilizadoras de artistas e públicos.

Antes de mais, falar de cultura é vocacioná-la para um conjunto de modelos de comportamento, de usos e costumes, de instrumentos e de objectos, usados por uma determinada população, num determinado espaço geográfico.

Hoje em dia, a nossa sociedade vive num ritmo bastante acelerado, onde a cultura sofre, consecutivamente, os efeitos das novas tecnologias, esquecendo a tradição, como simbolo da identidade e matriz cultural de um povo.

Neste contexto, as associações representam um papel extremamente importante quer ao nível da vida das populações, quer ao nível da criação da identidade local e, conseqüentemente, uma fonte de promoção social, visando o estímulo e o incentivo ao desenvolvimento local. Assim, o associativismo torna-se um instrumento fundamental e indispensável, no seio de uma comunidade, promovendo o desenvolvimento da mesma.

De um modo geral, a associação é um espaço e um contexto para a produção de ideias visando a sua realização; troca de saberes e experiências; conceber e dirigir programas de educação e formação; ser catalizador de energias; o espelho público dos desejos e anseios da população; de meditação; de regulação de conflitos, etc, visando a resolução de problemas, de uma determinada localidade.

A Cultura, tais como quaisquer outras áreas de actividade, congrega recursos humanos, financeiros e materiais, que só devidamente articulados entre si, e integrados nos objectivos das respectivas actividades culturais, permitem alcançar a qualidade e o sucesso. Assim, a cultura enquanto veículo de desenvolvimento do potencial humano, contribui, decisivamente, para a qualificação dos recursos humanos, numa perspectiva de valorização da pessoa humana, em toda a sua plenitude, a par da sua qualificação académica ou profissional.

Deste modo, através da relação Cultura / Associação / Associativismo, verifica-se que as associações constituem diferentes potenciais, onde a cultura representa um veículo importante, ao nível das criações e implementações de iniciativas, visando a procura de respostas às necessidades comuns de toda a comunidade, nas mais diversas manifes-

Um cd da Teca

MARTÍRIO - "Coplas de Madrugá"

Os primeiros passos artísticos de Maribel Quiñones, nascida em Huelva em 1954, foram no início dos '80 junto com o grupo andaluz Jarcha, quando o grupo se lançou na sua busca de ares mais próximos do flamenco. Com eles partilhou quatro anos que incluíram tours e a gravação de um disco intitulado "A la memoria de Federico Garcia Lorca". Pela primeira vez com o nome de Martirio, em 1984 entrou no grupo Veneno, liderado por Kiko Veneno e os integrantes de Pata Negra: Raimundo e Rafael Amador. Entretanto continuava perfilando a sua personagem de rockeira pós-moderna com influências na estética do cómico, Martirio lançou o seu primeiro disco a solo: "Estoy mala", editado em 1986 com a produção de Kiko Veneno, co-autor da maioria das canções, e Teo Cardalda. Em 1989 assina com CBS-EPIC e grava o seu segundo disco "Cristalitos Machacaos". Junto com a colaboração de Pata Negra, Kiko Veneno, Javier Ruibal e Toumani Diabate, entre outros, Martirio começou neste trabalho, a dar as primeiras pinceladas de jazz e blues na sua reinterpretação de canções.



Os seus dois trabalhos seguintes delinearão a nova imagem de Martirio: peinetas menos exuberantes e vestidos mais subtis, abandona as luvas e os leques.

Em 1991, lançou "La Bola de la Vida del Amor", um dos seus trabalhos mais arriscados. A cantora, uma vez mais, elegeu o caminho da busca, fundindo a canção com as novas músicas sobre o universo sonoro de Peter Gabriel.

Três anos depois, gravou "He visto color", um disco divertido e inteligente produzido e realizado em colaboração com Raúl Rodríguez, onde assina pela primeira vez todas as letras, demonstrando a sua singular visão do mundo feminino, dominando o engenho, a ternura e o humor.

Como resultado de uma perfeita simbiose, Martirio apresentou em 1996 "Coplas de Madrugá", uma selecção de canções espanholas acompanhada por um trio de jazz: Chano Domínguez no piano, Javier Colina no contrabaixo e Guillermo McGill na bateria, com quem partilhou a produção e os arranjos deste trabalho editado em formato disco-livro.

In: www.estaciontierra.com

3 a 26 Fevereiro 06

TriCiclo

festival caseiro de experimentalismo
todas as sextas e sábados 21h45 na
Meia-Tenda Espaço d'Orfeu

Sáb 08 Abril 06

Espectáculo "Dez Anos Não É Nada!"
21h30, no Auditorio do CFFAS.

e em permanência no Espaço d'Orfeu:

EMTrad' - Escola de Música Tradicional

Exposição "Dez Anos Não é Nada!"

bard'O - bar associativo

Espaço Millennium



d'Orfeu Associação Cultural
tel 234 603 164 fax 234 604 842

Rua Eng Júlio Portela 6
dorfeu@dorfeu.com

3750-158 Águeda
www.dorfeu.com